

A colheita de saberes do Semiárido



Luana no centro, sua mãe Eliane em pé e sua tia Maria

Todo mundo sabe que o Semiárido produz alimentos, cultura, sabores e saberes. E nessa imensidão de sertão, há muitas histórias que merecem ser contadas.

Luana Mateus de Sousa, é uma jovem mulher que mantém suas raízes firmes. Nascida na comunidade Carqueja II, no município Capistrano, no Ceará, ela relata suas conquistas com os olhos brilhantes.

“Fico orgulhosa de falar da minha formação, pois sou fruto de ações afirmativas do governo Lula. Graças à implementação de diversas políticas de auxílio, apoio e permanência dos estudantes tanto na escola como na universidade. Essa abertura de portas para a pós-graduação, este sonhar que o Lula proporcionou a diversas famílias me trouxe até aqui”, diz Luana.

Mas antes das políticas afirmativas, Luana lembra os desafios que sua família enfrentava: ***“Sou filha de mãe-solo, mulher agricultora. A casa que moramos é da minha tia. Como ela não teve filhos e é cadeirante, minha mãe ajuda nas tarefas diárias e em troca moramos com ela. É uma casa simples, mas cheia de amor”.***

Entre os livros e a vida no campo

Luana conta que mesmo com pouco estudo, sua mãe a ensinou a ler em casa. Com cinco anos ela já sabia ler e iniciou os estudos na Escola Raimundo Alves Cassemiro, em sua comunidade. Até o sexto ano, ia pra escola caminhando, acordava cedo, e sua mãe ia deixá-la e buscá-la todos os dias.

No Ensino Médio, Luana foi estudar na sede do município. Ela lembra que ***“tinha um ônibus antigo que quebrava muito e no inverno não passava em alguns pontos da estrada. Daí eu caminhava 40 minutos até a escola. Também era difícil pra comprar os materiais escolares. Eu não tinha mochila, mas tinha um “coleccionador” que protegia meus cadernos e livros”.***

Nesse período, Luana atuou como representante estudantil e através das suas notas, foi indicada para trabalhar como estagiária no Banco do Nordeste. Ela conta que *“na mesma época, fui selecionada para o Curso de Sistema da Informação, na UFC de Quixadá. Mas por questões financeiras, não assumi a vaga. Meses depois, fui selecionada para o curso de Ciência da Natureza e Matemática na UNILAB. Foi aí que minha vida mudou completamente! Graças a criação da Unilab e as políticas afirmativas, eu sonhei, viajei, participei de eventos estudantis e pude esperar mudanças para a minha comunidade”*.

Plantando o futuro

Quando chegava da escola, Luana ajudava a plantar milho, feijão e fava. Na época, ela pegava o jumento pra ir até o açude buscar água pra beber, que sua mãe filtrava e tratava com hipoclorito de sódio. Nos finais de semana, ia com sua mãe lavar roupa no riacho. *“Se você não tiver um local para armazenar a água, na estação seca, a dificuldade é grande”,* disse a jovem. Daí, sua família passou a sonhar com a cisterna, mas como o material de construção era caro e viviam do pouco que produziam, não tinham como construir. Então surgiu um projeto de encanamento de água e a família tinha que cavar o local dos canos. Sua mãe pagou seu tio para cavar e assim conseguiram água encanada. Mas como sua casa é uma das últimas da comunidade, muitas vezes a água não chegava até lá.



Luana e o filtro recebido do P1MC

***“A gente sonhava
era com a cisterna
com água da chuva,
pra gente
colocar no filtro...”***



Dona Eliane em sua horta medicinal

Sonhos que se realizam

“A minha mãe gosta muito de tomar chá e queríamos ter uma pequena horta medicinal com boldo, hortelã, erva-cidreira...Mas quando eu entrei na universidade, ficou mais difícil de ter a cisterna porque os custos pra me manter aumentaram. Eu trabalhava em várias coisas, mas o dinheiro era pouco”, disse Luana.

Ela relembra como foi a realização do sonho. *“Nossa comunidade é muito unida e nos últimos anos, muita coisa melhorou. Temos lideranças que sabem conduzir a associação e a cooperativa, buscando projetos, trazendo muitas oportunidades para os agricultores e agricultoras de plantar, criar animais de acessar água de qualidade... Hoje a comunidade produz mel, polpa de frutas, cria galinhas, peixes, porcos... Esse desenvolvimento é fruto de políticas anteriores que influenciam diretamente nas nossas vidas. Na agricultura familiar, precisamos de quem nos represente. E foi através da Comissão Municipal que a cisterna do P1MC - programa Um Milhão de Cisternas chegou até nós”*.

Finalmente em 2024, Luana e sua mãe conquistaram a tão sonhada cisterna de primeira água.

“Esse sonho da cisterna é muito emocionante, às vezes as pessoas não sabem o que a gente passa pra chegar até aqui. Fico feliz e orgulhosa de ver a minha mãe tomando chá com uma água de qualidade, ter as plantas que ela gosta...”, diz emocionada.



Luana e sua mãe, dona Eliane, contemplando a cisterna no quintal de casa

Trilhando os caminhos dos saberes populares e acadêmicos

Luana gosta de contar sua trajetória, de como sempre esteve rodeada de pessoas dispostas a contribuir com o seu crescimento pessoal e profissional. Em 2016, após concluir a graduação, ela foi trabalhar em duas escolas, fez especialização...

Em 2017, começou o mestrado e teve a oportunidade de pesquisar a comunidade indígena Kanindé de Aratuba. *“Encontrei com a minha orientadora do TCC, ela me deu um livro sobre educação ambiental e comecei a ter outras percepções, que inclui no meu mestrado. Mas eu tinha um desejo interno pelo Doutorado. Fiz a prova sem comentar com ninguém e fui aprovada ainda fazendo o mestrado. Fiquei sem dormir, preocupada se meus orientadores iriam aceitar... Minha mãe tinha noção que o doutorado era algo muito difícil... Finalmente conversei com meus orientadores que ficaram muito felizes”*, diz Luana com o olhar brilhante.

“Minha orientadora dizia que se via muito em mim, com essa garra...”

Luana foi morar em Fortaleza e não recebia bolsa de estudos. Uma tia-avó a ajudou muito e infelizmente faleceu em 2019. Sua orientadora do doutorado a ajudava sem esperar nada em troca. *“Ela queria que eu retribuísse escrevendo, publicando...”* diz Luana. Durante a pandemia, ficou mais difícil, e ela finalmente conseguiu a bolsa de estudos.

No último ano do doutorado, Luana foi para a segunda universidade mais antiga da Alemanha, em Leipzig. A universidade ia custear sua pesquisa, mas ela precisava de dinheiro para as passagens e pra se manter lá. Então ela fez uma vaquinha on-line, bingo de livros e a UFC pagou suas passagens.

“Eu vi uma rede de amigos que fiz desde a graduação se manifestar”

E no período em que esteve na Alemanha, Luana teve a oportunidade de conhecer a França, através de uma amiga. Foi aí que ela conheceu um pesquisador da USP que a convidou para atuar no Pós-doc, que é um estágio em parceria UFC/IME/USP.

“O pesquisador acreditou no meu potencial. Ele via muita determinação no meu olhar, na minha fala”

Luana tem desenvolvido seus projetos no laboratório de sua orientadora, construindo uma amizade para a vida toda.

“Sou muito grata a Deus e a todas essas pessoas. Sou grata à minha mãe, minha família... Uma menina criada no interior do interior, conseguiu ir pro mundo e sonhar... E voltar pra comunidade querendo agregar, querendo somar... E feliz por estar aqui e fazer parte disso.”



No laboratório de biologia molecular da universidade de Leipzig na Alemanha



Coleta na Chapada do Araripe para o projeto Mulheres na Ciência, parceria com a Funcap.

“As portas se abriram a partir das políticas afirmativas e da Unilab, que nos proporciona conhecer pessoas de Angola, Moçambique, Guiné-Bissau... nos permite participar de congressos, conhecer outros estados... “Isso me abriu a mente, que o mundo não é só isso aqui. Todo mundo tem o direito de sonhar, de vencer, de construir. Isso me remete quando eu era criança, quando eu e minha mãe sonhávamos com a cisterna. Às vezes o tempo passa e você acha que não vai conseguir realizar um sonho e mais na frente você realiza. É muito importante praticar a gratidão. Cresci ouvindo que educação é o único bem que ninguém te rouba. E foi graças a esses ensinamentos que me tornei a mulher que sou”.

Luana é formada em Ciência da Natureza em Matemática, com habilitação em Biologia pela Unilab. Especializou-se em Gestão de Recursos Hídricos Ambientais e Energéticos pela Unilab e Mestrado em Sociobiodiversidade e Tecnologias Sustentáveis também pela Unilab. Pesquisou sobre a comunidade indígena Kanindé do município de Aratuba/CE. Fez Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal do Ceará e Pós-doc em colaboração com o Instituto IME – Instituto de Matemática e Estatística Aplicada da USP – Universidade de São Paulo.